O literário será sempre moderno?: o novo nostálgico da literatura eletrónica =
[Recensão a] Jessica Pressman, Digital Modernism: Making it New in New Media

Autor(es): Bettencourt, Sandra

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa; Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37799>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_3-1_18

Accessed : 26-Apr-2023 14:56:07

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Vol. 3.1 (2015)

ISSN 2182-8830

‘Artes, Média e Cultura Digital’

Paulo Silva Pereira e Pedro Serra (orgs.)

O Literário Será Sempre Moderno?

O Novo Nostálgico da Literatura Eletrónica

SANDRA BETTENCOURT

CLP | Universidade de Coimbra

Bolseira da FCT

Jessica Pressman, *Digital Modernism: Making it New in New Media*. Oxford, Oxford University Press, 2014, 240 pp. ISBN 978-0-19-993710-3

Partindo da asserção de que o tempo presente da literatura, especialmente ao nível das produções eletrónicas e digitais, é marcado por uma obsessão pela produção do novo, Jessica Pressman propõe-se investigar as bases em que a produção de tal novidade assenta. O interesse de investigação recai sobre a literatura eletrónica contemporânea, afastada já das práticas hipertextuais e comprometida com a estética e a materialidade dos novos média. Tal comprometimento com os modos de funcionamento das mediações em que se inscreve motiva a autora a estabelecer paralelos recursivos com os exercícios literários vanguardistas do Modernismo. O argumento é de que o novo na literatura dos novos média é conseguido através de remediações de processos modernistas que exploram, igualmente, as possibilidades dos novos meios de então.

Digital Modernism, uma monografia que resulta da investigação de doutoramento da autora, é organizada em seis capítulos que descrevem os diversos pontos de contacto entre as poéticas modernistas e a literatura digital. A digressão temporal conduz-nos até algumas figuras seminais do Modernismo literário e dos seus estudos — sendo a primeira referência Ezra Pound, cujo *dictum* “MAKE IT NEW” abre epigraficamente a obra — detendo-se em Marshall McLuhan, James Joyce e Bob Brown, de forma a estabelecer um “commitment to literariness and a literary past” (2) das obras de literatura digital que

compõem o *corpus* de análise. A análise é levada a cabo através de processos de *close reading*, uma prática reclamada pela autora como fulcral para a compreensão dos textos em causa.

A reivindicação da prática de *close reading* (leitura atenta que tem por objetivo uma compreensão profunda do texto através da atenção às particularidades, complexidades e diferentes camadas interpretativas desse mesmo texto) é um dos pontos centrais do argumento de Pressman. Esta defesa da técnica de *close reading* é estratégica e acontece como crítica aos processos de leitura que privilegiam a compreensão geral, e não particular, do texto e que são muitas vezes associados às performances textuais dos novos média. Tal é o caso da *speed reading* que pode ser descrita como uma perceção segmentada do texto provocada pela redução dos processos de subvocalização e por um reconhecimento de padrões visuais (*skimming*). É em torno do primeiro modelo de leitura que a autora irá desenvolver o seu argumento de que a literatura digital se encontra num momento de reconfiguração, enquanto crítica à sobre-determinação tecnológica e ao seu impacto nos processos literários. A novidade é, então, a resistência a mecanismos mais inovadores através do resgate de modos de escrita e leitura predecessores, e que a autora reconhece nas estéticas e poéticas das vanguardas modernistas: “text-based, aesthetic difficult, and ambivalent in their relationship to mass media and popular culture [that] challenge contemporary culture and its reigning aesthetic values” (2).

É notório, ao longo de toda a obra, um esforço de validação das obras eletrónicas pela relação estabelecida com o cânone modernista, que a autora associa a valores como inovação, dificuldade e investimento hermenêutico, e que são fundamentais para a definição do modernismo digital: “an aesthetic of restraint [...] minimalism as a conscious act of rebellion [...] by returning to an older aesthetic of difficulty and the avant-garde stance it invokes” (7-9). Ou seja, as obras modernistas digitais reclamam uma estética minimalista enquanto recusa de um certo tecnodeterminismo que parece dominar a contemporaneidade. Esta reivindicação do minimalismo tecnológico exige, contudo, uma leitura comprometida, atenta e profunda. É neste estabelecimento comparativo entre as estéticas e poéticas do Modernismo e do Modernismo Digital, sublinhado pela *close reading*, que Pressman localiza e justifica a literariedade do último. Sendo a literariedade (*literariness*) um conceito desenvolvido no início do século XX pela escola crítica denominada de Formalismo Russo — que atribui valor literário a uma obra através da identificação de determinadas características linguísticas e semióticas — Pressman reconhece esse valor literário do *corpus* selecionado na recuperação das práticas modernistas, sendo que, para autora, “making it new in new media” torna-se possível pela fricção temporal que permite uma insurgência contra discursos e/ou práticas hegemónicas contemporâneas.

Não obstante o facto de a recuperação da técnica de *close reading* em ambiente digital — como exercício empírico e postulado teórico — ser um sólido argumento na defesa da relação entre práticas digitais e modernistas, o

exercício carece de um posicionamento crítico mais definido (sendo esta apologia assente em sede modernista, convém reconhecer que aquela não é uma prática exclusiva do Modernismo). Ao longo da exposição e argumentação, parece que, apenas pelo estabelecimento de um diálogo com o cânone modernista, estas obras digitais se constituem enquanto literárias. Ou seja, que é através da recuperação, iteração e adaptação dos modelos modernistas que se pode reconhecer uma literariedade nas obras digitais contemporâneas. Esta relação é inicialmente estabelecida através de uma revisitação do *New Criticism* modernista de Marshall McLuhan. O primeiro capítulo é dedicado à revisão dos princípios teóricos e das metodologias que caracterizam o trabalho daquele que é considerado o “pai dos estudos de mídia”. McLuhan — teórico pioneiro no estabelecimento da relação entre questões de mediação e literatura que reclamam a prática de *close reading* —, é desde o primeiro momento uma das figuras orientadoras do projeto de Pressman. É a partir da teoria mcluhaniana que a autora estabelece o diálogo com algumas das maiores figuras do modernismo literário, focando-se principalmente em Ezra Pound e James Joyce, que irão informar a argumentação e análises desenvolvidas nos capítulos seguintes.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de *Project for Tachistoscope {Bottomless Pit}* (William Poundstone, 2005), uma remediação computacional em *Flash* do taquitiscópio, uma máquina de aceleração de reconhecimento visual dos séculos XIX-XX. A obra é analisada à luz do projeto *Readies* (uma máquina de *speed reading* criada pelo escritor modernista Bob Brown), reconhecendo em ambas as produções a centralidade da “maquinicidade” literária, não só nos processos de escrita mas também de leitura. A relação entre a animação textual eletrônica e o paradoxo *speed reading* versus *close reading* é desenvolvida no momento seguinte. Através da análise de *Dakota* (Young-Hae Chang Heavy Industries, 2002) a autora apresenta outra forma de remediação: a reconceptualização do movimento cinematográfico enquanto marca indelével do Modernismo — a montagem — através do *software Flash*. Pressman argumenta que a obra digital *Dakota* frustra as expectativas, dando lugar ao novo pela impossibilidade de uma relação interativa com a obra e pela promoção da *close reading*. A argumentação é ainda sustentada por uma leitura dos palimpsestos que *Dakota* estabelece com os textos *Cantos I e II* de Ezra Pound, relacionando a montagem cinematográfica veiculada na obra eletrônica com a técnica literária da “super-position”, ou “one image poem”, desenvolvida por Ezra Pound. Tal exercício comparativo sustém a argumentação da autora de que é através da remediação, da consciência medial e de uma estética cinematográfica recuperada de Ezra Pound, que as obras complexificam a sua legibilidade e exigem um maior investimento hermenêutico.

O esforço de uma constante credibilização das obras modernistas digitais pela identificação com práticas do alto Modernismo literário prossegue quando Jessica Pressman faz coincidir, por exemplo, a lógica da base de dados evidente em *The Jew's Daughter* (Judd Morrissey, 2000) com a técnica narrativa

modernista por excelência, o *stream of consciousness* (modo de representação do fluxo dos processos de pensamento através de associações livres, não lineares, da percepção da experiência da subjetividade). A autora argumenta que *The Jew's Daughter* “updates stream of consciousness by remediating both the printed page and electronic hypertext” (105) numa emulação do funcionamento da memória.

A reflexão final incide sobre a vitalidade da textualidade impressa na idade digital e sobre o romance impresso enquanto manifestação do Modernismo Digital. Pressman argumenta que o romance *Only Revolutions*, de Mark Z. Danielewski, é altamente informado por outros média que não o código, promovendo igualmente práticas modernistas digitais: “close-reading and also comparative, media-specific, and media archeological approaches.” (160). Na sua perspectiva, *Only Revolutions* atualiza estratégias modernistas, como a onomatopeia de *Finnegans Wake* ou a técnica *stream of consciousness*, enquanto chamada de atenção para o caráter medial da linguagem. Para Pressman, a obra de Danielewski dissemina o princípio do Modernismo Digital na página impressa ao produzir o novo num suporte antigo em interseção com práticas de vanguarda.

A relação desenvolvida em *Digital Modernism* entre a literatura digital e o Modernismo — também investigada por teóricos como McLuhan, Kittler e Manovich, entre outros — é produtiva ao chamar a atenção para a importante retroação entre média e literatura. Contudo, o canal de leitura proposto por Pressman parece ser demasiado estreito, ou comprometido, favorecendo uma interpretação que pode, perigosamente, aproximar-se mais de uma instrumentalização do Modernismo, do que de uma possibilidade para a produção do novo. Isto porque a leitura atenta do cânone modernista e de obras mais ou menos explicitamente invocadas pelos projetos literários digitais que analisa, tende a excluir, por exemplo, a distinção entre Modernismo e *Avant-Garde* (como o fazem Maria Engberg e Jay David Bolter em “Digital Literature and the Modernist Problem” [2011]). Este revela ser um dos problemas da defesa extremada de uma *close reading* num projeto que pretende questionar períodos extensos e heterogêneos de produção literária. Porque a obra é resultado de um estudo monográfico, a autora elege um período específico que melhor sirva a sua argumentação. É a estratégia correta, evidentemente. A questão é que *Digital Modernism* não esclarece que tais práticas, experimentações e produções do novo não são exclusivas do Modernismo nem do Modernismo Digital, arriscando-se em conjecturas algo lineares e de causa e efeito, como a relação que estabelece entre os estudos de caso parece sugerir. E tudo o que teve lugar antes, durante (porque é difícil falar de um único Modernismo) e depois? É rasurado porque não serve o argumento.

É importante o esforço de Pressman em demonstrar que os mecanismos e processos da literatura eletrónica e digital, assim como os seus modos de funcionamento são fundamentais para os processos de leitura que geram. Também são pertinentes as conexões entre estes processos e os projetos

modernistas em que a autora sublinha a necessidade de uma reflexão acerca da materialidade literária. Contudo, este é um estudo em convergência que beneficiaria de uma certa divergência. Isto é, as considerações levadas a cabo por Pressman acerca das relações entre o Modernismo e novas estéticas e poéticas literárias digitais acabam por ser demasiado pacíficas. As transições temporais, históricas e mediais delineadas não oferecem resistência, ofuscando o que também interessa perceber: onde reside (ou se reside para a autora) a especificidade de cada meio.

Digital Modernism beneficiaria de uma reflexão sobre o grande paradigma antecessor, o pós-modernismo (por exemplo, como faz Alan Kirby em *Digital modernism: How New Technologies Dismantle the Postmodern and Reconfigure our Culture* [2009]). Ou ainda de um diálogo com paradigmas emergentes como o pós-digital e o metamodernismo, que oferecem possibilidades complementares e atualizadas da problematização das configurações da literatura digital, ampliando os canais de diálogo entre práticas literárias contemporâneas e modernistas.

© 2015 Sandra Bettencourt.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](#).